

# Machado de Assis – Polônia

Como aurora de um dia desejado,  
Clarão suave o horizonte inunda.  
É talvez amanhã. A noite amarga  
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,  
Cansado de te ouvir o inútil pranto,  
Alfim ressurge no dourado Oriente.

Eras livre, – tão livre como as águas <sup>(1)</sup>  
Do teu formoso, celebrado rio;  
A coroa dos tempos  
Cingia-te a cabeça veneranda;  
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,  
A santa liberdade,  
Como junto de um berço precioso,  
À porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;  
A sanhuda cobiça dos tiranos  
Veio enlutar teus venturosos dias...  
Infeliz! a medrosa liberdade  
Em face dos canhões espavorida  
Aos reis abandonou teu chão sagrado;  
Sobre ti, moribunda,  
Viste cair os duros opressores:  
Tal a gazela que percorre os campos,  
Se o caçador a fere,  
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,  
E vê no extremo arranco  
Abater-se sobre ela  
Escura nuvem de famintos corvos.  
Presa uma vez da ira dos tiranos,  
Os membros retalhou-te  
Dos senhores a esplêndida cobiça;  
Em proveito dos reis a terra livre

Foi repartida, e os filhos teus – escravos –  
Viram descer um véu de luto à pátria  
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! – É glória o cativo,  
Quando a cativa, como tu, não perde  
A aliança de Deus, a fé que alenta,  
E essa união universal e muda  
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.

Um dia, quando o cálice da amargura,  
Mártir, até às fezes esgotaste,  
Longo tremor correu as fibras tuas;  
Em teu ventre de mãe, a liberdade  
Parecia soltar esse vagido  
Que faz rever o céu no olhar materno;  
Teu coração estremeceu; teus lábios  
Trêmulos de ansiedade e de esperança,  
Buscaram aspirar a longos tragos  
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciusko;  
Pela mão do Senhor vinha tocado;  
A fé no coração, a espada em punho,  
E na ponta da espada a torva morte,  
Chamou aos campos a nação caída.  
De novo entre o direito e a força bruta  
Empenhou-se o duelo atroz e infausto  
Que a triste humanidade  
Inda verá por séculos futuros.  
Foi longa a luta; os filhos dessa terra  
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!  
A mãe via partir sem pranto os filhos,  
A irmã o irmão, a esposa o esposo,  
E todas abençoavam  
A heróica legião que ia à conquista  
Do grande livramento.

Coube às hostes da força  
Da pugna o alto prêmio;  
A opressão jubilosa  
Cantou essa vitória de ignomínia;  
E de novo, ó cativa, o véu de luto  
Correu sobre teu rosto!  
Deus continha  
Em suas mãos o sol da liberdade,  
E inda não quis que nesse dia infausto  
Teu macerado corpo alumiasse.

Resignada à dor e ao infortúnio,  
A mesma fé, o mesmo amor ardente  
Davam-te a antiga força.  
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;  
Foi a hora dos hinos e das preces; <sup>(2)</sup>  
Cantaste a Deus, tua alma consolada  
Nas asas da oração aos céus subia,  
Como a refugiar-se e a refazer-se  
No seio do infinito.  
E quando a força do feroz cossaco  
À casa do Senhor ia buscar-te,  
Era ainda rezando  
Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! – é longo o teu martírio;  
A tua dor pede vingança e termo;  
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;  
É propícia esta hora. O sol dos livres  
Como que surge no dourado Oriente.  
Não ama a liberdade  
Quem não chora contigo as dores tuas;  
E não pede, e não ama, e não deseja  
Tua ressurreição, finada heróica!

**Machado de Assis, Poesias Completas**